

DE ALUNOS A LEITORES: O ENSINO DA LEITURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

FERRAREZI Jr., Celso; CARVALHO, Robson Santos de. *De alunos a leitores: o ensino da leitura na educação básica*. São Paulo: Parábola Editorial.2017

Romanilta Julia da Rocha Santos³

A lembrança das aulas de leitura observadas nas escolas frequentadas pelos autores, durante as décadas de 1970 e 1980, é o pontapé inicial para que ambos apontem a tônica dessa obra, que se faz como fruto de pesquisas e experiências dos mesmos como professores, cuja atuação vem desde a educação básica até atualmente, como docentes de Ensino Superior e pesquisadores, chegando à leitura tal como é vista hoje na realidade do nosso cotidiano.

Deste modo, foi com o foco nessa riqueza de abordagem, efetivada através do discurso dos autores, que a obra em análise visa enfatizar a importância do resgate e inserção desse jeito de tratar a leitura no âmbito escolar, no intento de tornar plausível a dinamização do ensino de Língua Portuguesa, desde as séries iniciais até a Universidade, de maneira proficiente e significativa, sobretudo, no que tange à leitura.

Este é o segundo livro escrito em parceria pelos autores Celso Ferrarezi Júnior e Robson Santos de Carvalho. Ferrarezi, com pós-doutoramento em Semântica pelo UNICAMP e em Linguística de Corpus pela UFMG é, atualmente, Professor titular do Instituto de Ciências Humanas e Letras da UNIFAL. Tem experiência na área de Linguística com ênfase em Semântica, tendo idealizado e desenvolvido a Semântica de Contexto e Cenários, uma vertente de estudos semânticos com enfoque cultural. Atua principalmente com pesquisas semânticas, Linguística aplicada à educação (de forma especial em processos de significação e ressignificação em ambiente escolar), alfabetização e teorias linguísticas. Robson Santos de Carvalho tem doutorado em Linguística do Texto e do Discurso pela UFMG. Atualmente é Professor adjunto do Departamento de Letras da UNIFAL. É coordenador de área no PIBID/Letras – Português. Atua na Comissão de Assessoramento Técnico-Pedagógica da DAEB/INEP. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em ensino e aprendizagem de língua materna, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores, ensino-aprendizagem, avaliação escolar, leitura e habilidades.

³ Pós-graduanda em Linguística pela Universidade Federal do Piauí - UFPI

Convém destacar que o livro é uma alusão ao prazer de ler, bem como à relevância da leitura na vida de crianças, jovens e adolescentes. Na obra, o ato de ler é considerado como um vetor de mudanças vertiginosas na seara da educação e um fator preponderante para o desenvolvimento global do indivíduo.

Logo, vê-se que por ser um livro escrito por professores, com larga experiência neste ofício e, aos quais foi possibilitado o amor à leitura, ambos têm o afã de enfatizar que este sentimento em relação aos livros é possível de ser semeado, a despeito da inserção do celular e do táblete no cotidiano das salas de aula, sobretudo nos últimos anos.

Pode-se afirmar que a proposta da obra em enfoque é voltada para os estudos da importância da leitura, expandindo o conhecimento acerca de tão valiosa temática. Também pode-se salientar, por conseguinte, que os autores procuram apontar que a leitura no âmbito escolar, mesmo sendo tão relevante, muitas vezes, não tem recebido suficientemente o olhar que necessita para dar conta das transformações, sobretudo sociais, que ocorrem tanto no âmbito local quanto globalmente.

Assim, o livro *De Alunos a Leitores: o ensino da leitura na educação básica* se faz como um trabalho pensado e executado por professores conhecedores da realidade da leitura nas escolas, pode-se dizer que este é um livro prático, com sugestões bastante pertinentes e capazes de fazer um diferencial nas escolas. A publicação deu-se no ano de 2017, pela Parábola Editorial, o estudo é dividido em quatro capítulos.

Por oportuno, cabe mencionar que o estudo se inicia com o tópico “A leitura na escola”, no qual os autores fazem menção ao fato de que o ato de ler é muito mais do que decifrar letras de um dado alfabeto, é, sobretudo, ser capaz de compreender o que se encontra no bojo de um texto, fazer interação com o mesmo, retirando dele sentido para a vida cotidiana, contudo sendo capaz de interferir na e a partir da leitura com criticidade, em suma, é fazer um uso contextualizado desse ato como parte integrante da vida social de uma sociedade letrada.

Em continuidade ao capítulo, nessa acepção de uma leitura crítica e transformadora de realidade, os autores pontuam que cabe à escola operar as devidas alterações, em âmbito de currículo mesmo, para que se priorizem aulas de Língua Portuguesa voltadas a “ensinar a ler de verdade” em detrimento do maior enfoque à gramática normativa – prática tão cristalizada em tantas escolas por décadas a fio – ou seja, segundo os autores há que, no transcurso das aulas de nossa língua, conceder à leitura o merecido e inquestionável papel do poder transformador de realidades adversas, diminuindo a priorização da metalinguagem no processo de ensino.

Na sequência ao capítulo inicial, reportando à Teoria das Múltiplas Inteligências proposta por Gardner, é feita alusão à necessidade de se resgatar o desenvolvimento estético dos alunos, função da qual a escola, muitas vezes, se esquivava e deixa de ver que a intermediação estética é a porta de entrada para a construção de novos leitores, conforme pontua um dos autores.

Desta maneira, ainda neste primeiro capítulo a obra assinala que o gosto pela leitura se dá em três fases que se entrelaçam e que são importantes para o sucesso dessa empreitada – na qual se traduz o ato de ler – porém, antes da descrição dessas fases, eles traçam um breve panorama do desenvolvimento cognitivo da criança criticando o método educativo que atropela a cognição das crianças ao supervalorizar abstrações gramaticais e matemáticas.

Sequenciando o capítulo ora percorrido, no que tange à leitura, os autores ratificam que a escola peca por priorizar uma prática leitora que mina a relação entre o sujeito leitor e o objeto de leitura. Prosseguindo, são destacadas as ações mais relevantes e cabíveis para que o prazer pela leitura se concretize e se solidifique como algo vestido de sentido no decorrer das vivências dos estudantes, desde os anos iniciais até o ensino médio, enfatizando em cada etapa o que se faz essencial para que a escola adote práticas de leitura, mediadas pela fruição e pelo sentido, através de descrições bem detalhadas.

Ressalte-se, por fim, que esse capítulo é relativamente breve e nele pode ser encontrado os postulados da significação e ressignificação da leitura no ambiente escolar. Contudo mesmo sendo um capítulo pequeno, esse se traduz como de grande importância, à proporção que faz a correlação da temática a contextos reais e a um detalhamento de ações pontuadas que serão expostos pelos autores na continuação.

Referindo-se ao capítulo dois “Exposição ao material de leitura”, tem-se a ampliação dos conceitos relativos à leitura, mas há o destaque à necessidade de se discutir a escassez do contato sistemático com o livro, principalmente, dentro das escolas, razão porque se lê tão pouco no nosso país, estabelecendo correlação com a necessidade de compreensão das causas, bem como das estratégias que podem ser adotadas para mudar esse quadro, por parte, principalmente, das instituições de ensino.

O capítulo dois segue fazendo um resgate da importância que a leitura obtivera em nosso país, em um tempo não tão remoto, mas que foi perdendo força por conta de reformas educacionais que tiveram efeito a partir da década de 1990, que destruíram essa cultura do ler, sobrevivendo em algumas almas saudosas, que são raríssimas exceções, conforme frisam os autores destacando, ainda, que escola peca em relação à leitura.

No mesmo capítulo, há referência à situação das bibliotecas nas escolas públicas brasileiras, retrato pintado pelos autores através do conhecimento travado com essa realidade, quando da realização de palestras para professores em cidades pelo Brasil afora. Os pesquisadores relatam a situação caótica das bibliotecas, quando existem, citando que há muito perderam o posto de honra para a sala de informática, mas outrora já havia perdido esse posto para a sala de vídeo da TV Escola, ou mesmo para a cozinha, denotando o caráter precário dessas bibliotecas na maioria das escolas públicas da nossa nação, que são mal adaptadas, repletas de

livros desatualizados em meio a outras coisas em decomposição, como maquetes e tralhas que a escola hesita em se desfazer, conforme assinala os autores.

Na sequência do capítulo, são reiteradas algumas estratégias de ensino de leitura, mesmo considerando as condições adversas da maioria das escolas públicas brasileiras quando se referem à biblioteca, inclusive com alguns registros fotográficos que evidenciam a situação calamitosa de algumas dessas “bibliotecas” que há no nosso país. A existência da biblioteca é, no prisma dos autores, a primeiro passo para que haja a prática sistemática do contato com o texto, bem como o prazer e fruição que esse contato possibilita. Portanto, é de suma relevância que a biblioteca se faça como um espaço convidativo e atrativo ao aluno, ao tempo que instigue o acesso e a permanência do estudante no universo da leitura.

Ressalte-se que os autores seguem citando as estratégias de ensino que são detalhadas e esmiuçadas, na sequência do capítulo, a saber:

Biblioteca de classe, destacadas como pequenas bibliotecas que são, muitas vezes, um caminho para auxiliar o professor na ausência de uma biblioteca ideal.

Carrossel de leitura, que é uma estratégia para disponibilizar livros permanentemente para os alunos de todas as idades e já sendo aplicada desde a década de 1980, conforme ratificam os autores.

Na continuidade, Ferrarezi se reporta às narrações, evidenciando o caráter atrativo e lúdico que encerram para destacar o valor que há de se empregar ao tratamento do espaço dentro delas, fazendo um relato autobiográfico de situações vivenciadas, por exemplo, na Amazônia, na qual criativamente usou desse espaço real para a narrativa de um conto de fadas que certamente despertou a criatividade dos alunos e colaborou para trazê-los para o lugar dos personagens.

Há o detalhamento de estratégias para o tratamento a ser dado aos personagens na narrativa, com diversificadas sugestões capazes de potencializar a atração do aluno pelo texto, tornando-o como parte de sua vida.

Destaque-se que os autores concebem a encenação, estratégia em sequência detalhada, como uma das mais ricas e produtivas, que traz desenvolvimento e desenvoltura comunicativa aos participantes, elencando, no ensejo, diversas sugestões acerca desse tocante a ser realizadas pela escola.

Finalmente, observam-se ainda outras duas importantes sugestões de estratégias: a primeira, a interferência na história narrada, que possibilita o desenvolvimento de imprescindíveis habilidades que, posteriormente, farão parte do repertório significativo da competência leitora e redacional do aluno; a segunda estratégia diz respeito ao ato de criar histórias, que ao possibilitar autoria aos próprios alunos despertam nos mesmos o orgulho de perceberem suas produções circularem na escola, valorizando seus esforços e enchendo de significados o ato de escrever.

No capítulo três “Texto não é pretexto” dá-se ênfase às atividades mais específicas de sala, mediante o tratamento objetivo de aspectos textuais que implicam na construção da competência leitora. Vê-se uma crítica à fragmentação do texto pela

escola voltando o foco à metalinguagem e aos exercícios de gramática normativa, mesmo quando se utilizam, por exemplo, tirinhas nas aulas de língua portuguesa.

Neste capítulo, Ferrarezi lança mão de suas lembranças para relatar um episódio vivido numa escola particular, na qual era perceptível o que ele chamou de imbecialização da leitura, devido à maneira equivocada como esse processo era repassado aos alunos. O mesmo Ferrarezi continua destacando que a escola brasileira ao priorizar uma rotina de “decoreba”, por sinal um neologismo brasileiro já dicionarizado, que ao ser usado para descrever um método se faz como uma afronta à inteligência de um povo, imbeciliza o ato de ler, por consequência, os leitores, não respeitando as múltiplas inteligências dos alunos.

Sequenciando o capítulo, são elencadas questões mais técnicas e específicas sobre o ensino da leitura, destacando a relevância de o professor de língua portuguesa ser capaz de dominar as habilidades de leitura e construir uma sólida competência leitora, o que o torna capaz de compreender a essência de cada uma das habilidades necessárias à produção de sentido na leitura em língua materna, sentido esse que não está meramente no texto, mas são construídos pelo leitor através das relações entre as informações textuais, seu conhecimento de mundo e suas outras leituras prévias.

No capítulo destaca-se que cabe ao professor trabalhar as habilidades de leitura de modo sistemático, gradual e cumulativo, apresentando aos alunos diversificados materiais de leitura para que o aluno se aproprie e se familiarize com essas habilidades até atingir um domínio mais concreto dessa conjuntura. Os autores prosseguem conceituando habilidade e competência reafirmando que a aquisição de ambas é crucial para tornar o leitor proficiente. Em seguida, é detalhado o percurso para que haja tal desenvolvimento, que ocorre, a princípio, de forma empírica, mas que ao se ingressar na escola há que se revestir de um caráter metódico, contudo sem tirar da leitura o essencial: algo a ser aprendido para a vida e não para a escola, que ao prisma dos autores, “artificializa o ato de ler”.

No capítulo em detalhamento, há reiteração de que o texto não deve ser pretexto, todavia sim um condutor de sentidos ao mundo real do leitor, nesse aspecto, o professor deve selecionar bons textos para a sala de aula, na tônica de desenvolver as já citadas habilidades leitoras, adequando aos diferentes níveis cognitivos dos alunos textos que possam ampliar esses níveis e que extrapolem o livro didático. Os autores, ainda, sugerem, que os professores se dediquem a aulas de leitura com os alunos em detrimento da gramatiquice. O trabalho com leitura há que ser sistemático e que ponha o foco no texto e seu contexto.

Nesse íterim, os autores apresentam as matrizes de referência de habilidades de leitura desenvolvidas por órgãos educacionais governamentais e usados como parâmetros para avaliações em larga escala, como Enem, para citar apenas um, mas eles ratificam que essas matrizes não são listas de conteúdo a ser exploradas, pela essência, são básicas, relevantes, mas não se esgotam nelas próprias.

Em prosseguimento, há discussão acerca das habilidades propriamente ditas, reportando-se ao primeiro eixo que se refere aos procedimentos de leitura, que em linhas gerais são esboçados em duas camadas: leitura de superfície e leitura inferencial, que são oportunamente conceituadas e exemplificadas. Há, ainda, alusão à leitura interpretativa, que transcende os limites do texto e adentra às vivências pessoais do leitor e exige-lhe maior complexidade, os autores ressaltam que nem sempre a escola atinge essa habilidade, uma vez que se deve avançar além da superfície e das pistas textuais, há exemplificação, por parte dos pesquisadores desse tipo de habilidade.

Sequenciam pontuando acerca de outro eixo de leitura, cuja compreensão textual em tal é dependente ou tem interferência do suporte ou gênero. Os autores discorrem acerca dos conceitos dessas terminologias e passam a explicar sobre as habilidades de leitura intrinsecamente relacionadas aos suportes e gêneros com ricos e variados exemplos de tipologias textuais acertadamente selecionadas.

Ferrarezi e Carvalho progridem a obra referindo-se a conceitos como coerência e coesão a partir do foco do leitor e do modo como esse deve proceder ante um texto, fazendo uso de habilidades relacionadas ao material textual propriamente dito, são citados exemplos propícios e esclarecedores.

Em seguida são pontuadas outras questões, grosso modo, todas do ponto de vista do leitor e no intuito de propiciá-lo a mobilização de diferentes habilidades para a compreensão textual. Assim, os autores destacam a lógica interna dos textos, a progressão e continuidade temática, os elementos da narrativa, os recursos e efeitos de sentido, a ironia, humor, sarcasmo e deboche, os efeitos de sentido desenvolvidos pela pontuação e por outros recursos, o ler a variação linguística, a relação entre textos e, finalmente, um tópico relativo à avaliação da leitura, quando necessária, quando não é, como fazer. Convém destacar que esses conceitos citados são ricamente abordados e exemplificados, com sugestão ao professor de importância de assegurar que os alunos dominem minimamente essa relação de habilidades.

No capítulo quatro “Como ler mais” os autores, mais que um “receituário salvador da pátria” reforçam que as estratégias sugeridas podem auxiliar a virada do jogo em prol da leitura, sobretudo, nas escolas públicas brasileiras.

No capítulo eles reafirmam a necessidade de se compreender a relevância da leitura no processo civilizatório em qualquer sociedade letrada, esse é o primeiro aspecto; o segundo, é o respeito que deve haver à dimensão cognitiva da criança, para o desenvolvimento do hábito da leitura na escola, com um viés estético e sem as imposições ou encadeamentos racionalizantes a outras atividades avaliadoras com fins de notas, porém a leitura pela fruição, pelo prazer e como ato educativo autossuficiente.

Na sequência, são mencionadas as condições ideais e as reais para que isso ocorra, destacando que as ideais passam por políticas públicas fortes, abrangentes e transformadoras no que concerne à leitura; e as reais, ou “as hoje possíveis”,

que estão nas mãos dos professores e das comunidades locais, que na labuta diária não economizam esforços para gerar mudanças positivas a partir de suas iniciativas concretas, que não se deixam abater ante o desânimo e falta de ações do poder público.

Finalmente, tem-se a conclusão da obra intitulada “Finalizando” e faz-se como um chamamento dos autores a compreender o intuito do livro em foco como fruto de duas vidas de pesquisadores e professores dedicados ao ensino da língua materna no Brasil, razão pela qual essa obra faz-se de um caráter prático, mas imerso de criticidade, visando a contribuição dos processos de ensino no nosso país.

O estudo de Celso Ferrarezi Júnior e Robson Santos de Carvalho é imprescindível aos professores, estudantes, pesquisadores ou interessados na temática, principalmente por propiciar a visibilidade merecida à leitura, ato tão repleto de múltiplos significados, mas tão poderosamente transformador de realidades.

Por fim, pode-se afirmar que o estudo de Celso Ferrarezi Júnior e Robson Santos de Carvalho é de suma relevância, principalmente porque consegue desenvolver e solidificar, mediante um texto fluido e embasado em bons exemplos, a ideia proposta de transformação dos alunos em leitores.

Acresce-se que a obra é de uma leitura agradabilíssima e que flui sem intercorrências, denotando-se que a proposta do livro atinge, a contento, o público a que se destina, contribuindo, sobremaneira, para propiciar a visibilidade merecida à necessidade de se formar leitores críticos no âmbito da escola, razão pela qual, de antemão, eu recomendaria a leitura desse estudo, tanto pela facilidade de apreensão da mesma por parte dos professores, quanto por se fazer como um estudo repleto de possibilidade de concretização na prática escolar.

Referências

BRASIL. *Secretaria do Ensino Fundamental. Base Nacional Comum Curricular*. Disponível em: basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-10dezsite.pdf. Acesso em: 23 de junho de 2019.